



alice miceli

galeria

nara

roesler

## alice miceli

Rio de Janeiro, Brasil, 1980

Vive e trabalha no Rio de Janeiro

Alice Miceli parte de viagens investigativas e pesquisas históricas para mapear as manifestações virtuais, físicas e culturais dos traumatismos infligidos nas paisagens sociais e naturais. Ao criar documentos fotográficos alternativos sobre questões sociopolíticas extremas, a artista tem explorado locais como a Prisão S21 no Camboja e a Zona de Exclusão de Chernobyl. Sua mais recente pesquisa concentra-se em uma série contínua de áreas pós-conflito, onde as minas terrestres desempenham um papel invisível, mas determinante. Seu objetivo é abordar visualmente as consequências espaciais causadas por minas terrestres e outros restos explosivos de guerra em diversos contextos nas áreas mais afetadas do mundo.

Principais exposições recentes incluem: Em profundidade (campos-minados), Instituto PIPA, Villa Aymoré, Rio de Janeiro, Brasil (2019); 5ª Moscow International Biennale for Young Art, Moscou, Rússia (2016); 17ª Japan Media Arts Festival, Tóquio, Japão (2014); 29ª Bienal Internacional de São Paulo, São Paulo, Brasil (2010); e Transitio\_MX 03 - Festival Internacional de Artes Eletrônicas y Video, Cidade do México, México (2009). Premiações incluem: 13º Grants & Commissions Program, Cisneros Fontanals Art Foundation (CIFO), Miami, EUA (2015); 5º Prêmio PIPA (PIPA e Voto Popular), IP Capital Partners, Rio de Janeiro, Brasil (2014); 5º Prêmio Sergio Motta de Arte e Tecnologia, São Paulo, Brasil (2005); entre outras. Principais programas de residência recentes incluem: Artists-in-Residence Program, NTU Centre for Contemporary Art, Cingapura (2017); Jan van Eyck Academie, Maastricht, Países Baixos (2016); Residency Unlimited (RU), Nova York, EUA (2015); entre outros.

[Clique aqui para ver o cv completo](#)

# índice

<b><u>em profundidade (campos-minados)</u></b>	<b><u>4</u></b>
<u>série angolana</u>	<u>6</u>
<u>série bósnia</u>	<u>12</u>
<u>série colombiana</u>	<u>16</u>
<u>série cambojana</u>	<u>22</u>
<b><u>projeto chernobyl</u></b>	<b><u>29</u></b>
<b><u>dízima periódica</u></b>	<b><u>40</u></b>
<u>14 horas, 54 minutos, 59.9... segundos</u>	<u>40</u>
<u>99.9... metros rasos</u>	<u>42</u>
<u>jerk off</u>	<u>44</u>
<b><u>88 de 14,000</u></b>	<b><u>47</u></b>
<b><u>autorretrato</u></b>	<b><u>52</u></b>

## em profundidade (campos-minados),

2014-2019

série de fotografias  
fotografias de documentação

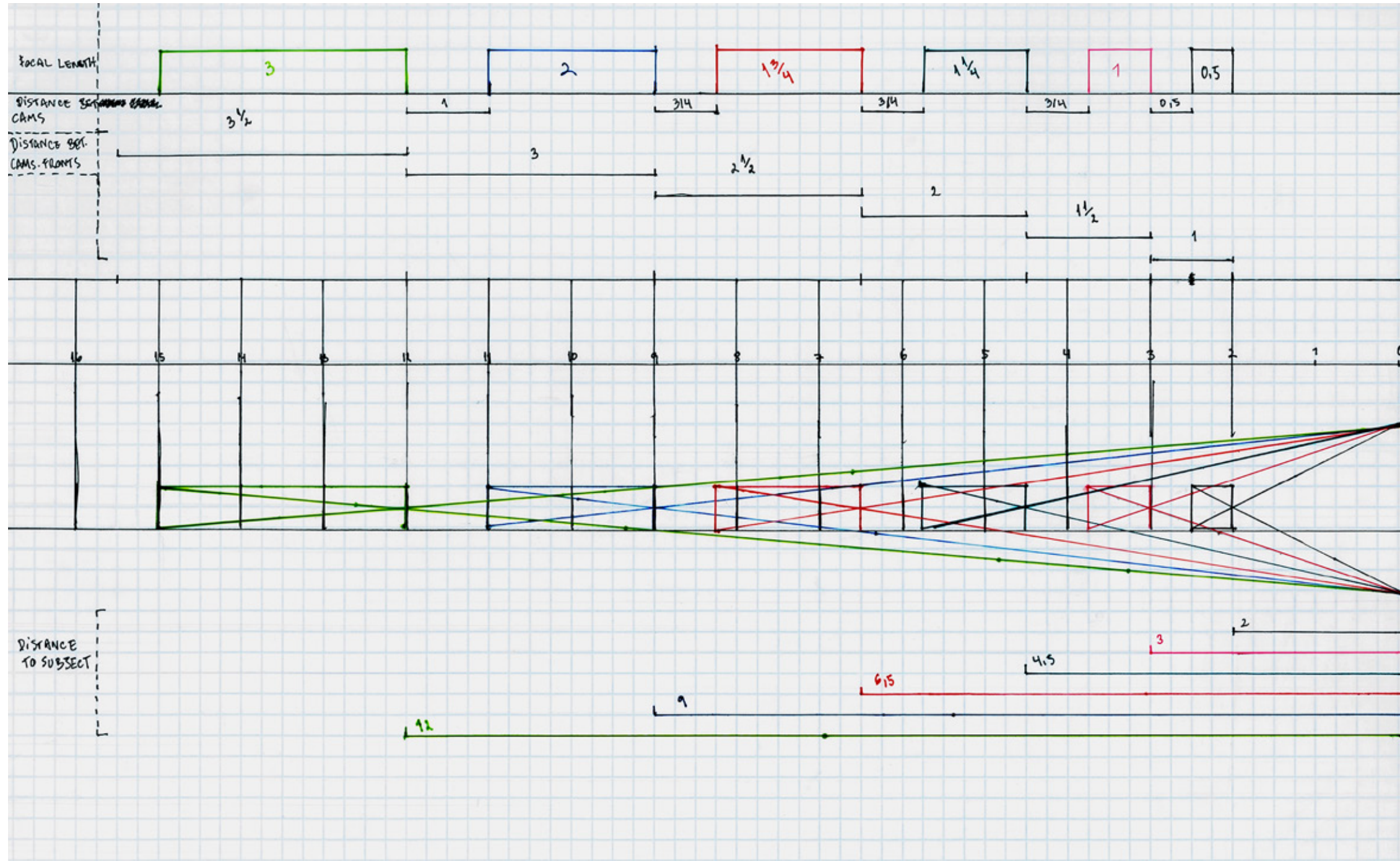
*Em cada milímetro deste chão, está o último instante de minha vida.  
Posso contemplá-lo a perder de vista. (Pedro Rosa Mendes, Baía dos Tigres, 2000)*

Minas terrestres são resíduos de guerra, armas implantadas para matar e mutilar, que continuam a ser perigosas mesmo décadas após o término de um conflito. São remanescentes de uma lógica cruel, indiferente à experiência vivida de um lugar. Estima-se que existam hoje no mundo cem milhões de minas espalhadas por setenta países, e a cada duas horas alguém é morto ou ferido por causa de uma delas. Em algumas regiões do Camboja ou de Angola, por exemplo, as minas superam a quantidade de pessoas, transformando de modo silencioso paisagens inteiras em espaços eternamente impenetráveis.

Ao contrário dos terrenos remotos intocados, o que está nesses campos não é solitário no sentido usual; o que quer que esteja lá fora foi abandonado, desligado e não deve mais ser visto. No entanto, pode haver outros pontos de vista a partir dos quais procurar? Como se, contra os resquícios de uma ordem destinada e aplicada para ocupar o território, pudesse talvez haver um contra-alinhamento – uma maneira de olhar, habitar, testemunhar e reivindicar esses trechos de terra há muito esquecidos e ocupados negativamente.

Se a fotografia pode ser um instante que cria uma memória voluntária, uma mina que explode é o contrário: um instante que aniquila – a morte na era da sua reprodução mecânica. O que estou pesquisando são, portanto, problemas de ponto de vista e perspectiva (históricos, espaciais, imagéticos). Faço uso dos constituintes físicos e ópticos intrínsecos do meio fotográfico para analisar como os parâmetros que formam a perspectiva de uma imagem e a profundidade de campo informam a posição física e o movimento do fotógrafo no fora-de-quadro, no momento e local da exposição, como meio de penetrar nesses espaços onde a “posição”, ou seja, onde se pisa, é mais crucial.

O que proponho é uma ação que seja ao mesmo tempo uma performance (a do meu próprio corpo fora da tela) e uma exploração do que essa ação (a penetração em áreas minadas) significa para a imagem, criando uma narrativa visual em que estão embutidas nas imagens a topografia de terras contaminadas por minas, interligando aspectos como espaço, posicionamento e movimento.



*Profundidade de Campo (desenho preparatório #1, In Depth - Landmines), 2007/2014*  
 impressão jato de tinta sobre papel  
 43 x 28 cm

## **em profundidade (campos-minados)** / série angolana, 2018

impressão em pigmento sobre papel Hahnemühle Photo Rag Baryta  
15 fotografias, 73 x 110 cm (cada)

Para a quarta e última etapa da pesquisa, planejei examinar o problema de contaminação de minas em Angola, que permanece entre os países mais afetados do planeta, como resultado de mais de quarenta anos de conflito e guerra civil, com minas estabelecidas por vários grupos diferentes em todo o território. As áreas mais preocupantes são aquelas com as guerras mais longas, como Malanje e Uíge, e, no entanto, todas as outras províncias de Angola também continuam afetadas. Como artista brasileira, foi interessante para mim completar essa pesquisa trabalhando com a paisagem de outra ex-colônia portuguesa. Desenvolvi a etapa em colaboração com a Norwegian People's Aid - Humanitarian Disarmament Campaign em Angola.













## **em profundidade (campos-minados)** / série bósnia, 2016

impressão em pigmento sobre papel Hahnemühle Photo Rag Baryta  
9 fotografias, 73 x 110 cm (cada)

A terceira série examina áreas minadas no contexto europeu, ou seja, regiões fortemente afetadas na Bósnia e Herzegovina, uma persistente contaminação por minas causada pelo conflito armado associado com o desmembramento da ex-Iugoslávia no início dos anos 1990. A série foi captada em nove etapas na comunidade afetada por minas de Obudovac, no município de Samac. Trabalhei em colaboração com a Norwegian People's Aid - Humanitarian Disarmament Campaign na Bósnia e Herzegovina.







## **em profundidade (campos-minados)** / série colombiana, 2015

impressão em pigmento sobre papel Hahnemühle Photo Rag Baryta  
7 fotografias, 73 x 110 cm (cada)

A segunda série analisa a contaminação por minas na Colômbia. Viajei para áreas afetadas em Antioquia, em torno de Medellin, para regiões outrora dominadas pelas FARC, que mineravam locais como um mecanismo de defesa contra o exército. A identificação sistemática de explosivos ainda não foi concluída. Como resultado, a marcação que foi aplicada até agora está literalmente na terra: é isso que os bastões vermelhos que vemos nas imagens representam. Como a árvore solitária no Camboja, o bastão vermelho central foi o meu guia enquanto eu gradualmente avançava para a área minada na selva. Essa série é composta por sete imagens. Trabalhei em colaboração com o HALO Trust Demining Program na Colômbia.











*Intersections (after Lautréamont)*, 2015  
Cisneros-Fontanals Art Space, Miami, EUA  
vista da exposição  
fotos © Oriol Tarridas



Small informational text panel on the left wall.

## **em profundidade (campos-minados)** / série cambojana, 2014

impressão em pigmento sobre papel Hahnemühle Photo Rag Baryta  
11 fotografias, 73 x 110 cm (cada)

A primeira série descreve um campo minado no interior da província de Battambang, no Camboja. Ela evolui em onze fotos sucessivas atravessando o campo. Para isso, calculei todas as distâncias focais necessárias para manter um tamanho de ampliação constante para a árvore central e solitária no meio do campo de visão, relacional a cada centímetro no solo para aquele local. Atravessar esse conjunto de pontos de vista hipoteticamente infinitos com o mapa real de contaminação de minas daquele local específico resultou em onze possíveis posições. Portanto, há onze disparos fotográficos. Trabalhei em colaboração com o Cambodian Mine Action Centre and Victim Assistance Authority, a organização governamental no Camboja que está encarregada do programa nacional de desminagem.













**Em profundidade (Campos-minados)**, Villa Aymoré, 2019.  
vistas da exposição.

---

## histórico de exibição (seleção)

### 2019

- *In Depth (landmines)*, exposição individual, Instituto PIPA, Rio de Janeiro, Brasil

### 2016

- 5ª Moscow International Biennale for Young Art, Moscou, Rússia
- *BASTA!: An Exhibition About Art And Violence in Latin America*, coletiva, Anya and Andrew Shiva Gallery at John Jay College of Criminal Justice, CUNY, Nova York, NY, EUA

### 2015

- *Intersections (after Lautréamont)*, group show, Cisneros-Fontanals Art Space, Miami, FL, EUA

### 2014

- Prêmio PIPA, projeto solo, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

---

## institutional collections

- Cisneros-Fontanals Foundation (CIFO), Miami, FL, EUA
- IP Capital Partners Institute, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
- Moscow International Biennale Foundation, Moscou, Rússia

---

## literature

### artigos

- Farias, Agnaldo. 'Alice Miceli. Paisagens assassinas'. *seLecT*, São Paulo, fev – mar, 2015. Portfólio, pp. 56-61. [[clique aqui](#)]
- Schilaro, Tatiane. 'Summer Therapy. New York Loves Brazilian Art Right Now, If These Thirty-Five Artists Showing This Season Are Any Indication'. *NewcityBrazil*, 4 ago, 2016. [[clique aqui](#)]
- \_\_\_\_\_. 'Implicated Viewers: Looking at Violence through Contemporary Latin American Art'. *artcritical*, 21 ago, 2016. [[clique aqui](#)]

### entrevistas/depoimentos

- 'Alice Miceli in Conversation with Luiz Camillo Osorio'. *Prêmio PIPA*, Rio de Janeiro, 15 jul, 2016. [[clique aqui](#)]
- 'Conversation between Alice Miceli and Karen Kubey'. *WorkUntitled*, Q4, out, 2015. [[clique aqui](#)]
- 'Ensaio visual. Alice Miceli'. In: *NOVOS ESTUDOS Cebrap*, Ed. 112, Vol. 37, n. 3, set – dez, 2018. [[clique aqui](#)]
- 'Mid-Career Grant. Donald Johnson Montenegro with Alice Miceli'. In: *2015 CIFO | Grants & Commissions Program Exhibition. INTERSECTIONS (after Lautréamont)* (cat. exp.). Miami: CIFO, 2015, pp. 32-41. [[clique aqui](#)]

### press

- 'Alice Miceli Expands Her Work 'In Depth (landmines)' During Residency Programme in Singapore'. *Prêmio PIPA*, Rio de Janeiro, 26 jul, 2017. [[clique aqui](#)]
- Stoffa, Felipe. 'Alice Miceli em Moscou'. *seLecT*, São Paulo, 1 jul, 2016. [[clique aqui](#)]

### videos

- Canal Arte1. *Arte Contemporânea: Alice Miceli*, 2017 [[clique aqui](#)]
- Prêmio PIPA 2014. *In Depth (landmines) / Cambodian Series*. [[clique aqui](#)]
- Prêmio PIPA 2015. *In Depth (landmines) / Colombian Series*. [[clique aqui](#)]

## projeto chernobyl [2007-2014]

negativos radiográficos

impressão positiva de negativos radiográficos

instalação

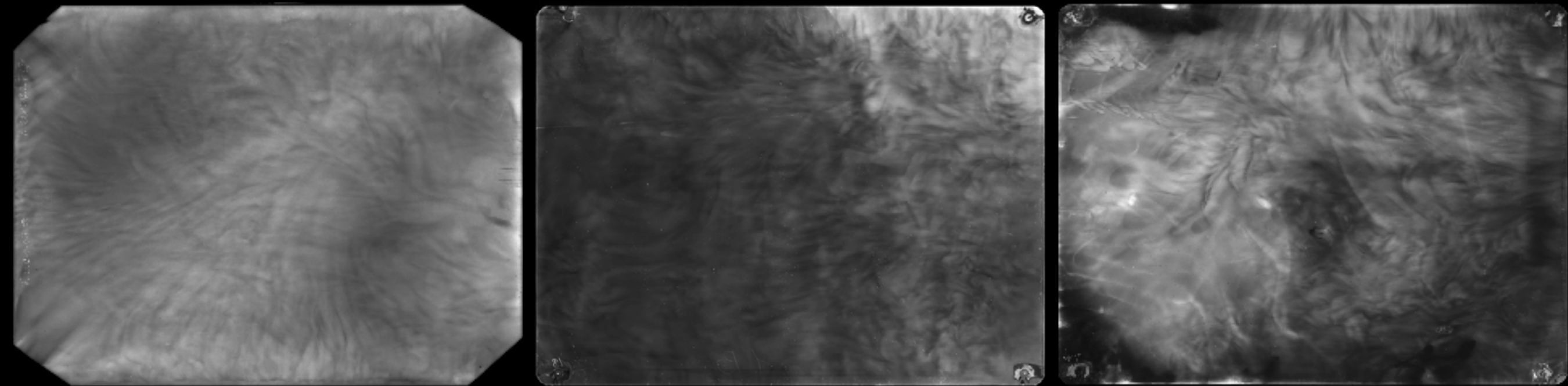
fotografias de documentação

No meu trabalho em Chernobyl, a natureza da visualidade e suas fronteiras foram, assim, exploradas para mostrar como a radiação escapa à visibilidade e ainda define um ambiente. Se um lugar não se revela no visual, a questão então é como olhar. Por quais meios? O projeto estava enraizado nessa questão, procurando desenvolver, portanto, um meio de visualizá-la. Tanto a operação poética quanto a física do trabalho precisavam residir na captura da imagem, no filme, na impressão de um impacto físico criado pelos próprios meios da radiação.

Como métodos para capturar imagens de radiação embutidas em outra matéria física ainda não tinham sido inventados, passei quase um ano trabalhando com físicos no Brasil (que também sofreu em Goiânia em 1987 um desastre nuclear que liberou o mesmo Césio 137 encontrado em Chernobyl) para criar um processo radiológico que deixaria imagens visíveis do decaimento radioativo ocorrendo na paisagem. Os experimentos foram então multiplicados e colocados nos locais mais contaminados dentro da Zona de Exclusão, preenchidos com filme radiográfico a ser exposto diretamente à radiação invisível do local ao longo do tempo. As marcas capturadas no filme são o resultado direto dessa exposição radioativa. A série resultante consiste em trinta negativos radiográficos de grande formato.

O projeto foi desenvolvido em colaboração com o Instituto de Radioproteção e Dosimetria, no Rio de Janeiro, a Medizinische Klinik und Poliklinik der Universität München [Centro Médico da Universidade de Munique] e o Otto Hug Strahleninstitut [Instituto de Radiação Otto Hug], ambos em Munique, e o Instituto Ambiental Internacional Sakharov da Universidade do Estado da Bielorrússia, em Minsk.





[página anterior]

*Chernobyl Exclusion Zone access map, Belarus, 2008*

[esquerda > direita]

*Fragmento de um campo I - 9.888  $\mu$ Sv (07.08.08 - 17.11.08), 2008*

*Fragmento de um campo II - 9.120  $\mu$ Sv (07.05.09 - 21.07.09), 2009*

*Fragmento de um campo III - 9.120  $\mu$ Sv (07.05.09 - 21.07.09), 2009*

reprodução positiva de negativos radiográficos

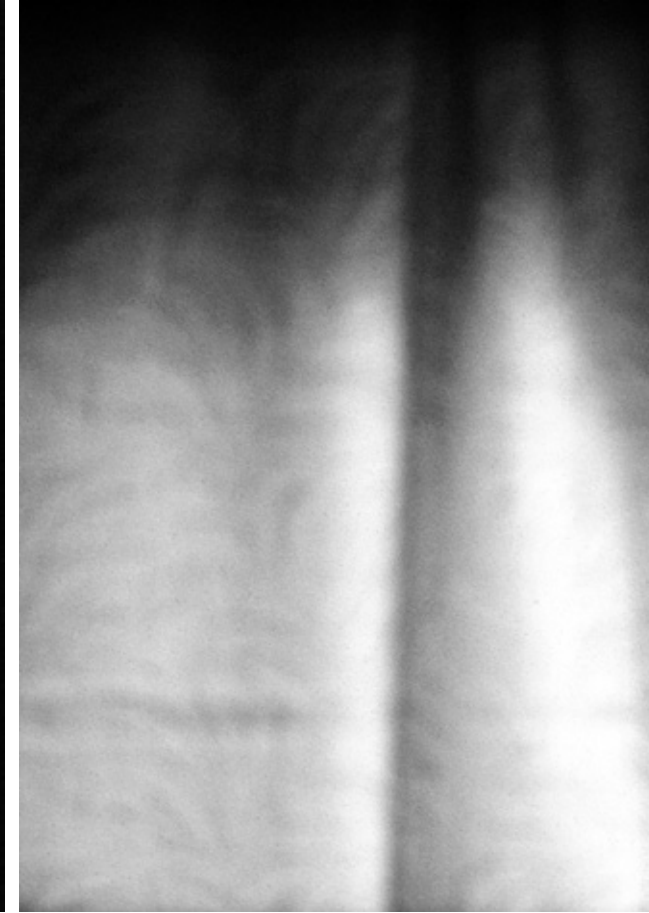
30 x 40 cm



*First entrance checkpoint, Chernobyl Exclusion Zone, Belarus, 2008*  
*Chernobyl Exclusion Zone, passing through the second checkpoint, Belarus, 2009*









[nesta página]

*Chernobyl Exclusion Zone, abandoned house interior, Belarus, 2009*

*Chernobyl Exclusion Zone, book about nature, Belarus, 2009*

[na página seguinte]

*Chernobyl Exclusion Zone, five kilometers to the reactor and the Ukrainian border, Belarus, 2009*





29ª Bienal Internacional de São Paulo, 2010  
Pavilhão da Bienal, São Paulo, Brasil  
vista da exposição







**Projeto Chernobyl, 2007-09**  
backlights com negativos radiográficos embutidos na parede  
30 partes de 30 x 40 cm (cada)

29ª Bienal Internacional de São Paulo, Brasil, 2010  
vista da exposição

---

## exhibition history (selection)

### 2019

- *Chernobyl Project*, individual, The Americas Society / Council of the Americas (AS/COA), Nova York, NY, EUA

### 2017

- *The Materiality of the Invisible II*, coletiva, Marres, Maastricht, Países Baixos

### 2013

- *Lossy*, coletiva, Bemis Center for Contemporary Arts, Omaha, NE, EUA

### 2010

- 29ª Bienal Internacional de São Paulo – *Há sempre um copo de mar para um homem navegar*, Pavilhão da Bienal, São Paulo, Brasil

### 2009

- Transitio\_MX 03 - Festival Internacional de Artes Eletrónicas y Vídeo – *Autonomías del Desacuerdo* – “Dense local”, Cidade do México, México
- transmediale.09 – *Deep North!*, Kulturprojekte Berlin GmbH / transmediale, Haus der Kulturen der Welt (HKW), Cidade do México, México

---

## institutional collections

- Bemis Center for Contemporary Arts, Omaha, NE, EUA
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

---

## literature

### articles

- Farias, Agnaldo. 'Alice Miceli. Paisagens assassinas'. *seLecT*, São Paulo, fev – mar, 2015. Portfólio, pp. 56-61. [[clique aqui](#)]
- Fraga, Marina. 'Arte desastre - documento vulnerabilidade'. *Arte & Ensaios - Revista do PPGAV-EBA-UFRJ* nº 34, dez 2017, pp. 147-57. [[clique aqui](#)]
- Nadarajan, Gunalan. 'Images of Chernobyl'. In: MICELI, Alice. *Chernobyl Project*. Geneva: Several Pursuit, 2010. [[clique aqui](#)]

### catalogues

- Fundação Bienal de São Paulo. 29ª Bienal Internacional de São Paulo – *Há sempre um copo de mar para um homem navegar* (cat. exp.). São Paulo, 2010, p. 72. [[clique aqui](#)]

### interviews/statements

- 'Alice Miceli in Conversation with Luiz Camillo Osorio'. *Prêmio PIPA*, Rio de Janeiro, 15 jul, 2016. [[clique aqui](#)]
- 'Conversation between Alice Miceli and Karen Kubey'. *WorkUntitled*, Q4, out, 2015. [[clique aqui](#)]
- 'Mid-Career Grant. Donald Johnson Montenegro with Alice Miceli'. In: *2015 CIFO | Grants & Commissions Program Exhibition. INTERSECTIONS (after Lautrémont)* (cat. exp.). Miami: CIFO, 2015, pp. 32-41. [[clique aqui](#)]
- MICELI, Alice. 'Sem entrada e sem saída: o diário de viagem da fotógrafa Alice Miceli rumo a Chernobyl'. *Revista ZUM*, São Paulo, 11 jul, 2018. [[clique aqui](#)]
- *The Skull Sessions No. 2. In Conversations with Alice Miceli*. Winter 2012. [[clique aqui](#)]

### press

- 'Alice Miceli Expands Her Work 'In Depth (landmines)' During Residency Programme in Singapore'. *Prêmio PIPA*, Rio de Janeiro, 26 jul, 2017. [[clique aqui](#)]
- Stoffa, Felipe. 'Alice Miceli em Moscou'. *seLecT*, São Paulo, 1 jul, 2016. [[clique aqui](#)]

### videos

- Canal Arte1. *Arte Contemporânea: Alice Miceli*, 2017 [[clique aqui](#)]
- Prêmio PIPA 2014. *In Depth (landmines) / Cambodian Series*. [[clique aqui](#)]
- Prêmio PIPA 2015. *In Depth (landmines) / Colombian Series*. [[clique aqui](#)]

**dízima periódica:**  
**14 horas, 54 minutos, 59,9... segundos**

[2006-07]

vídeo monocal, 01 monitor 29" customizado  
cor, som, 31" (loop)

Vídeo baseado na última imagem tirada pelo fotógrafo Robert Capa, que morreu em 25 de maio de 1954, às 14 horas e 55 minutos, pisando em uma mina terrestre. Sua última imagem capturou soldados cruzando um campo minado e um horizonte que ele nunca alcançou. O vídeo é o seu último segundo "estendido". Considerando que o que está em jogo nessa situação é justamente uma questão de espaço, o princípio de expansão decimal é transfigurado na edição em relação ao espaço virtual retratado na última imagem de Capa.

[Clique aqui](#) para ver o vídeo





*Dízima periódica: 14 horas, 54 minutos, 59,9... segundos*  
still de vídeo

## **dízima periódica: 99,9... metros rasos**

[2006-2011]

vídeo monocal, 01 monitor 29" customizado  
p&b, som, 56" (loop)

Um corredor olímpico tenta cruzar a distância entre o início e o fim para alcançar a meta de 100 metros, no limite de seu esforço. Considerando a situação crucial aqui (uma questão de velocidade), o princípio da dízima periódica é aplicado na própria velocidade do vídeo.

[Clique aqui](#) para ver o vídeo



[esquerda]

***Dízima periódica: 99,9... metros rasos***, 2006-11  
still de vídeo

[direita]

Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2011  
vista da exposição

foto © Fernanda Figueiredo and Eduardo Mattos



## **dízima periódica: jerk off [2006-2011]**

vídeo multicanal, 09 monitores 29" customizados  
cor, som, 01'25" (loop)

Um tributo ao clássico Blowjob de Andy Warhol (1964), este trabalho aplica o princípio da dízima periódica na edição dos vídeos para visualizar uma situação inerentemente associada a limites – no caso, o processo rítmico da performance sexual.

[Clique aqui](#) para ver *Dízima periódica: Jerk Off #01*

[Clique aqui](#) para ver *Dízima periódica: Jerk Off #02*



[esquerda]  
*Dízima periódica: Jerk Off #01, 2007*  
still de vídeo



[direita]  
*Dízima periódica: Jerk Off #02, 2007*  
still de vídeo



*Decimal Expansion: Jerk Off #03, 2006-11*  
Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2011  
exhibition view  
photo © Fernanda Figueiredo and Eduardo Mattos

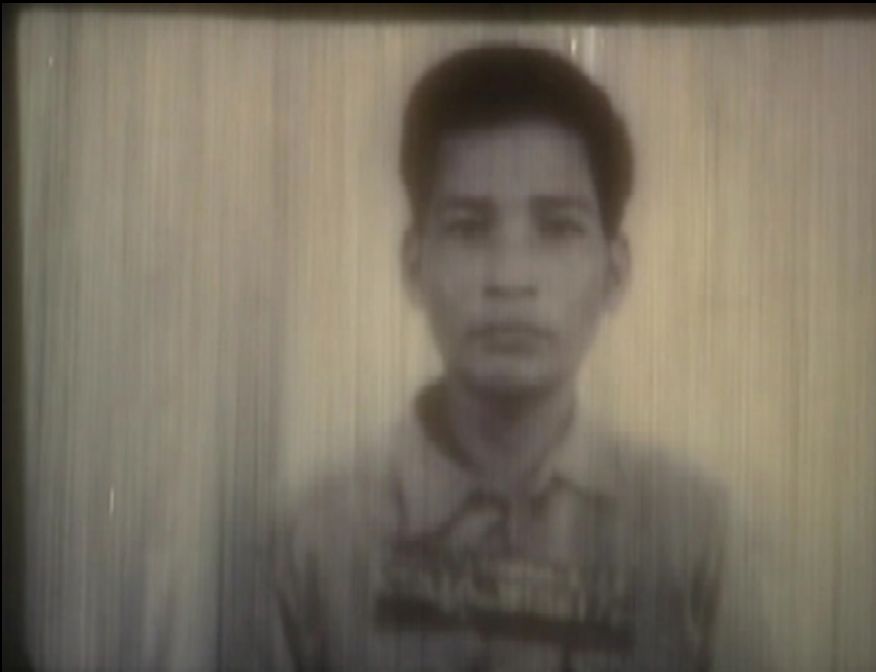
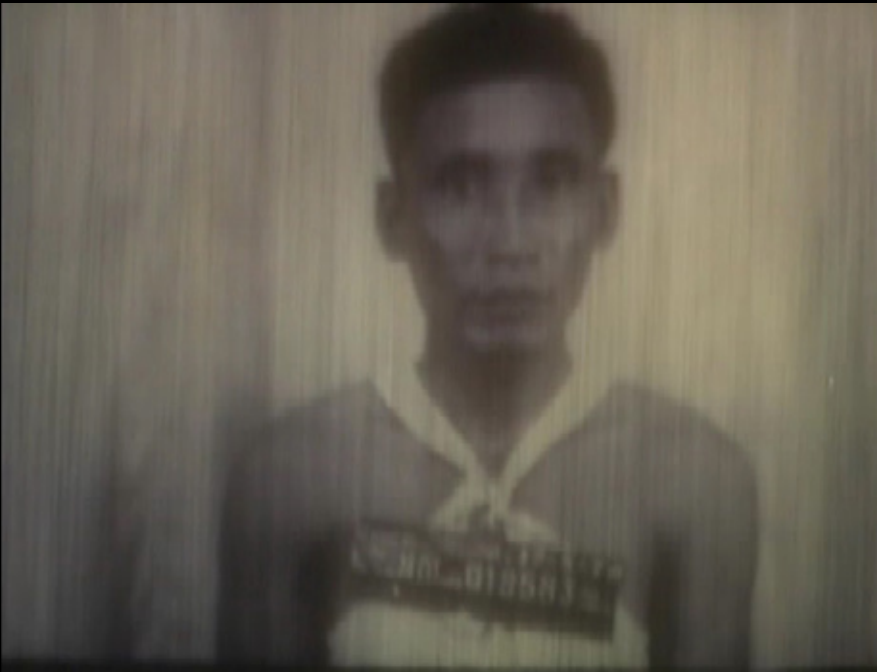
## 88 de 14,000 [2005]

video installation

color, sound, 56' (loop)

*88 de 14.000* lida com a remediação de imagens genocidas. Trata-se de uma projeção de vídeo de 56 minutos com base em fotografias de 88 das 14 mil pessoas mortas na prisão S21 durante o regime do Khmer Vermelho, no Camboja. Ao pesquisar os arquivos originais no país, encontrei apenas 88 fotografias para as quais foram registradas as datas de encarceramento e execução. Voltei a fotografá-las em filme de slide para projetar cada imagem em uma tela de areia caindo, como em uma ampulheta, com uma quantidade de areia exatamente correlacionada ao número de dias que cada pessoa viveu na prisão antes de ser executada. Quando a areia da tela de projeção se esgota, o mesmo ocorre com a imagem. Ter a imagem de cada pessoa aparecendo e desaparecendo reflete o tempo decorrido entre a entrada na prisão e a execução. Até que se esgote, a areia que cai continua a ser uma oportunidade para a imagem sobreviver apenas um momento a mais, permitindo a possibilidade de imaginar não apenas as mortes, mas também as vidas daqueles que se foram, encenando uma reconstituição temporal e visual de seu desaparecimento. A pesquisa do projeto foi desenvolvida em Phnom Penh, em colaboração com o Museu do Genocídio Tuol Sleng e o Centro de Documentação do Camboja.

[Clique aqui](#) para ver o vídeo



**88 de 14,000**, 2005  
still de vídeo

[esquerda > direita]  
Uy Thoan  
Prum Khean  
Nguyen Yang Anh





[esquerda]  
**88 de 14,000**, 2005  
still de vídeo  
Nguyen Than Son



[right]  
**88 de 14,000**, 2011  
Max Protetch Gallery, New York City, EUA  
vista da exposição



*On Disappearance: Loss of World and Escaping from the World*, 2005  
HMKV / PHOENIX Halle, Dortmund, Germany  
vista da exposição



## **autorretrato** [2004]

vídeo monocanal, monitor  
cor, sem som, 20' (loop)

Duas irmãs gêmeas idênticas compartilham o mesmo DNA. Do mesmo ponto de partida, elas se transformam em dois indivíduos muito diferentes – mental e fisicamente. Considerando as duas únicas materializações de um mesmo DNA (eu, a primeira a nascer, e minha irmã, nascida 20 minutos depois), uma série de possíveis fenótipos foi projetada. A sequência preenche a lacuna entre nossos tempos de nascimento, capturando todas as nossas diferenças físicas. A transformação é tão lenta que a imagem parece estar mudando. É, entre nós duas, o que não éramos.

[Clique aqui](#) para ver o vídeo



*Autorretrato*, 2004  
stills de vídeo



alice miceli é representada pela galeria nara roesler

**são paulo**

avenida europa 655  
jardim europa 01449-001  
são paulo sp brasil  
t 55 (11) 2039 5454

**rio de janeiro**

rua redentor 241  
ipanema 22421-030  
rio de janeiro rj brasil  
t 55 (21) 3591 0052

**new york**

22 east 69<sup>th</sup> street 3r  
new york ny 10021 usa  
t 1 (646) 678 3405

info@nararoesler.art  
www.nararoesler.art